



LUZ, Rosiane Rodrigues*

<https://orcid.org/0000-0002-0637-4770>

RESUMO: Este artigo se concentra na análise de periódicos do século XIX para compreender a moda na sociedade brasileira da época, especialmente na Corte Imperial e na província de São Paulo. Os periódicos escolhidos foram o *Jornal das Senhoras* e *O Lirio*, direcionados ao público feminino. A análise se baseia na interpretação da moda pelo olhar feminino e na relação de consumo que as mulheres mantinham com a moda na época. Para organizar o debate, foram utilizados processos como seleção de periódicos relevantes para o tema, análise de conteúdo e interpretação dos dados a partir de uma perspectiva de gênero. Além disso, questões sociais e econômicas relacionadas ao consumo da moda também foram abordadas. O artigo destaca a influência francesa sobre a moda feminina no Brasil Imperial e a participação das mulheres na direção e redação de periódicos em uma sociedade patriarcal e conservadora.

PALAVRAS-CHAVE: Século XIX; Periódicos femininos; Influência francesa e moda.

ABSTRACT: This article focuses on the analysis of 19th-century periodicals to understand fashion in Brazilian society at that time, especially in the Imperial Court and the province of São Paulo. The chosen periodicals were *Jornal das Senhoras* and *O Lirio*, aimed at a female audience. The analysis is based on the interpretation of fashion through a feminine lens and the relationship women had with fashion consumption at that time. To organize the debate, processes such as the selection of relevant periodicals for the topic, content analysis, and interpretation of data from a gender perspective were used. In addition, social and economic issues related to fashion consumption were also addressed. The article highlights the French influence on women's fashion in Imperial Brazil and the participation of women in directing and editing periodicals in a patriarchal and conservative society.

KEYWORDS: 19th century; Women's periodicals; French influence and fashion.

* Graduada em História pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas(2022).

INTRODUÇÃO

“O continente negro da Mulher apavora, e não há delírio que não seja preferível à sua presença escandalosa e nua.”

Stéphane Michaud

Como a França de Napoleão II se tornou a cidade preferida da moda no universo feminino brasileiro e se consagrou como a cidade mais elegante da Europa no século XIX? Tal fenômeno para ser compreendido, carece de uma análise minuciosa entre a moda e o consumo. Entender qual a influência que a importação dos figurinos da moda francesa acarretava no contexto social e cultural da brasileira, no Segundo Reinado do Brasil, e como essa relação de consumo do vestuário com as modistas impactava a economia das famílias. As brasileiras se tornaram meras reprodutoras do *toilette* parisienses ou podemos identificar uma adaptação dos trajés?

Ao questionar essas inquietações ao longo da pesquisa, podemos perceber como algumas lacunas que podem ser preenchidas pela História das mulheres, uma vez que compreendemos que a relação da mulher e o vestuário vai além da mera futilidade e capricho de simplesmente descrever a indumentária que temos acesso através das gravuras das revistas e jornais; estudando de forma crítica essa relação nos faz compreender o protagonismo da mulher, nos faz estudar uma mulher que entendia de economia doméstica, uma mulher que visionava se destacar em seu grupo social, se mostrando pertencente a uma sociedade, buscando a identidade visual requintada através da imagem.

A Historiografia sobre as mulheres abarca grandes estudos renomados que narra e analisa a trajetória do feminino na História, mesmo quando sua presença era omitida; para este estudo, consultar essas obras antes de tudo, foi obrigatório; não se pode entender um fragmento sem compreender o contexto geral. Entre as obras consagradas que estuda a mulher e o vestuário, temos a socióloga brasileira Gilda de Mello e Souza, em um estudo que a própria autora descreve como inusitado, por ser algo que estava ao contrário do que se costumava pesquisar naquele período: *O Espírito das Roupas: A moda no século dezanove*, que elucida a questão do social e cultural no olhar das roupas, destacando que a vestimenta possuía um espírito, nos remete a análise da mentalidade e compreendemos que a moda reflete a sociedade que a constrói.

Pioneira e essencial para estudar a História das mulheres, a historiadora francesa Michelle Perrot possui uma imensidão de textos, ensaios e livros; fazer uso desses materiais nos abriu horizontes para enxergarmos um leque maior de possibilidades; e no processo, entender como elas foram excluídas mesmo sendo as primeiras na linha de frente das revoltas francesas; compreender que como donas do lar, elas entendiam da economia doméstica, ao mergulhar nos estudos realizados pela Perrot, podemos reconhecer que a sociedade do século XIX, no Brasil e na França, mesmo sendo predominantemente patriarcal, as mulheres desafiavam o sistema e se tornavam autoras da própria vida.

Para compreender a relação de consumo das brasileiras com os franceses, precisamos primeiro entender a sociedade de consumo na França. Com esse propósito, o geógrafo britânico David Harvey, foi crucial para iluminar a visão sobre essa sociedade. No livro *Paris, capital da modernidade*, o autor dedica um capítulo para analisar a mulher dentro da sociedade de consumo e como a burguesia ascendente buscava uma afirmação social através da demonstração do poder econômico usando dos artifícios da moda.

Entre os estudos brasileiros, o livro *História da Vida Privada do Brasil, Império: a corte e a modernidade nacional*, volume organizado por Luiz Felipe de Alencastro, foi de fundamental importância para se abarcar o momento que a sociedade brasileira estava vivenciando; o esclarecimento adquirido com o estudo da obra possibilitou analisar o contexto sociocultural, econômico e político no Segundo Reinado de Dom Pedro II.

OS PERIÓDICOS E A MODA NARRADA POR MULHERES

Durante os anos de 1820-1860, foi possível observar um significativo aumento na produção de jornais, folhetins, periódicos e revistas no Brasil. A comprovação desse fenômeno pode ser encontrada ao acessar a Biblioteca Digital do Brasil – Hemeroteca, que disponibiliza um acervo considerável desses materiais para consultas on-line. É notável que a quantidade de fontes impressas preservadas desse período é impressionante e, graças à facilidade de acesso remoto a esse rico acervo, tornou-se possível selecionar e acessar as fontes de forma *on-line*.

Adentrando no que se refere à fonte de análise, temos dois periódicos selecionados do ano de 1852 e 1860, com o intuito de abranger um período significativo para embasar as discussões que abordaremos neste estudo, que visa

debater a influência e o impacto que a importação da moda francesa ocasionou no vestuário e no cotidiano social e econômico dessa mulher brasileira do século XIX e como essa relação de consumo é refletida na visão dessas consumidoras. Analisar a ideia de modernidade e os exageros da moda.

O olhar se debruçou primeiro, por escolha cronológica, sobre *O Jornal das Senhoras*, redigido por mulheres e a elas destinado, que circulou na corte do Rio de Janeiro e nas províncias, entre os anos de 1852 a 1855; o segundo se chama *O Lirio*, e também foi redigido e direcionados às mulheres, que circulou em São Paulo no ano de 1860.

É válido destacar que, com exceção de algumas páginas de apresentação dos folhetins, o método empírico de investigação baseou-se somente nas colunas sobre a moda; portanto, as demais colunas dos periódicos não fazem parte da abordagem deste estudo.

O Jornal das Senhoras possuía uma tiragem semanal, o qual era publicado todo domingo; as informações para as assinantes se encontravam na última página, e o primeiro jornal do mês trazia consigo um brinde contendo um figurino que nas palavras da redatora: “do mais bom tom em Paris”. Contendo 52 tiragens em cada ano, alguns periódicos mesclavam-se entre 8 e 12 páginas; analisar todos os anos se tornou inviável; nesse caso, contentou-se em estudar somente o ano de 1852.

A redatora chefe, Joanna Paula Manso de Noronha, cumprimenta seu público-alvo, alegando qual o intuito por trás do periódico, fala sobre a relevância de se ter uma mulher à frente de um jornal e que esse acontecimento estava relacionado com o momento de modernidade que o Brasil vivenciava. Ao fundar o jornal, a redatora relata ter em mente o “melhoramento social e a emancipação moral da mulher” (JORNAL DAS SENHORAS, 1852).

A autora da coluna ‘Modas’, que se diz anônima, inicia já informando que sua função social é “relatar com toda a lealdade o que eu presenciei em Paris e o que me explicarão algumas elegantes com quem tive a fortuna de travar relações de amizade” (JORNAL DAS SENHORAS, 1852). Analisando a posição da autora, podemos constatar que quem ditava a regra da etiqueta e da elegância era a capital francesa; outro ponto inicial apontado pela autora é a qual grupo social ela se dirige, ao círculo do ‘bom-tom’, deixando claro a qual classe social é pertencente; nas falas da autora, ela segue enaltecendo o requinte parisiense, elogiando que por lá cada grupo social

se veste de acordo com o status econômico que possui (JORNAL DAS SENHORAS, 1852).

Outro ponto de análise a ser considerado é o de como a autora demonstra o impacto da influência francesa no Brasil. Essa relação de ter Paris como a detentora do polo glamuroso, remete a uma inferioridade de criação de moda por parte dos brasileiros; esta mentalidade se prolonga por todo o periódico, chegando a momentos em que a autora relata de forma conformista que cabe somente aos franceses o 'dom' de criar os figurinos mais elegantes que existe.

O *Lirio*, foi um periódico publicado na província de São Paulo, as datas de publicações seguem padrões aleatórios, não havendo uma regularidade nem na quantidade de dias, nem o dia exato da semana. No formato digital, temos acesso aos 12 periódicos que sobreviveu ao tempo e está preservado e digitalizado; o primeiro periódico continha 8 páginas e todos os demais 12. Além disso, *O Lirio* foi um periódico de curta duração, pois encerrou suas publicações com apenas seis meses; a primeira publicação foi no dia 07 de junho de 1860 e a última em 30 de novembro de 1860.

Este periódico se intitula ainda como um "Jornal de Variedades", a redatora inicia dizendo que é um jornal para a família, direcionado principalmente à mulher cristã; no entanto, não revela sua identidade, nem usa um pseudônimo. Sequer informa se o periódico é redigido apenas por mulheres. A redatora declara seu posicionamento conservador em relação à religião e justifica que o nome escolhido para nomear o jornal, se dá por conta de a flor ser um símbolo de delicadeza, castidade e inocência que, segundo ela, tais requisitos deveriam ser natos na mulher religiosa.

Diferente do *Jornal das Senhoras*, o periódico *O Lirio* não possuiu uma coluna fixa sobre a moda; portanto, dos 12 periódicos analisados somente 7 possuem a coluna sobre a moda; porém, esses fragmentos foram de grande importância para a complementação da pesquisa, e não diminuiu o entendimento do contexto e uso da moda na província de São Paulo.

A influência parisiense nas vestimentas em São Paulo não é diferente da influência exercida no Rio de Janeiro. Para compreendermos mais a questão proposta para debate, vamos agora adentrar na coleta de dados e como tais informações nos ajuda a analisar as questões sociais que pretendemos elucidar.

MOLDES FRANCÊS E O COMERCIO DA MODA NO RIO DE JANEIRO

A primeira coluna do periódico *Jornal das Senhoras* já mostra a dominante influência da capital francesa no gosto das brasileiras. A autora relata que em Paris a publicação de figurinos é abundante, tendo as parisienses uma grande variedade de *modelitos* toda semana.

Esta colocação da autora nos remete aos estudos de Harvey (2015). A França do século XIX estava permeada com ideias fortemente voltada para o capitalismo, com a classe burguesa da sociedade explorando o meio industrial, as mudanças começam a aparecer. Para Harvey, “Em meados do século o Estado francês buscava modernizar suas estruturas e práticas de modo condizente com as necessidades contemporâneas” (HARVEY, 2015 p. 191). A França se mostrava ser uma sociedade cada vez mais consumista. E uma das formas de mostrar esse consumo era através do vestuário. E ainda segundo Harvey (2015), a indústria têxtil teve grandes impulsos, principalmente do Império.

A França sob o comando de Napoleão II prosperou economicamente. No setor da moda essa prosperidade foi ressaltada por Boucher (2010 p. 333): “é apenas sob o Segundo Império que Paris voltará a se tornar o centro da elegância”. Durante todo o Império, essa fama de capital esplendorosa se manteve, mas, por um desvio do destino, “a derrota da França em 1870 e os problemas do ano seguinte mantiveram Paris fora de cena por algum tempo e ela demorou um pouco a recuperar sua ascendência” (LAVÉR, 1989 p. 190).

Alencastro (1997) também se apoia na ideia que foi sobre a regência do Segundo Império Francês que o tom de modernidade floresceu na França e esse florescer inspirou as elites brasileiras a copiar não somente o vestuário, como também alguns aspectos culturais e sociais da vida urbana e rural que eram comuns entre os franceses.

Outra visão demonstrada por Harvey (2015) mostra como foi possível essa mulher burguesa sair do espaço recluso do lar e adentrar no espaço público; a explicação está nas modificações das esferas do consumo. A mulher burguesa se torna uma janela para exibir as conquistas do marido. E o autor ressalta que “(...)durante o Segundo Império é o do crescente controle feminino sobre o espaço interno da casa, associado à crescente transformação das mulheres em mercadoria na vida pública” (HARVEY, 2015 p.260). Essa percepção das mulheres serem

importantes para consumir e exibir-se, torna-as o centro da moda. Esse mercado de consumo tende a ganhar ainda mais força conforme a expansão que o capitalismo insere na sociedade através dos meios de produção.

Portanto, todo esse estímulo ao consumo da moda, torna Paris a capital glamorosa da Europa; o Brasil, mesmo estando a um oceano de distância, não ficou imune a essa influência.

No *Jornal das Senhoras* fica nítido na posição da autora, o quanto a França, no que se refere a moda, é o exemplo apropriado a ser copiado. A autora, que se diz anônima, destaca que em Paris se utiliza da moda como marca de diferenciação, dizendo que: “a sua competente distinção segundo as conveniências de cada um, o seu estado e a sua posição” (JORNAL DAS SENHORAS, 1852). Esse posicionamento deixa claro a consciência de classe social, que esse grupo de mulher brasileira mostrava possuir; e que usar das vestimentas para demonstrar essa diferença social é algo totalmente necessário.

Na edição do dia 04 de abril de 1852, a autora se mostra encantada com os vestuários de bailes que estavam no auge em Paris e destaca que: “modernos figurinos, que só pertencem à classe d’aquelles, que forão escolhidos e são preferidos pelo mundo elegante de Paris. Custa caro este capricho, é bem verdade.” (JORNAL DAS SENHORAS, 1852). Tal percepção da autora mostra uma visão concentrada no eurocentrismo; se esse pensamento era um espelho da sociedade como um todo, não sabemos, mas nesse círculo social essa ideia aparenta perdurar.

O fato de o periódico destacar constantemente a França como uma inspiração no universo da moda, se mostra emblemático em diversos momentos; uma questão levantada pela própria autora mostra que a novidade e o imediatismo eram vistos por elas como algo louvável. Na edição do dia 25 de janeiro de 1852, a autora ressalta que “nossos figurinos são expressamente feitos em Paris para o nosso jornal” e destaca em seguida que “era de costume velho no Rio de Janeiro apresentarem as fazendas e as modas de Paris muitos mezes depois de lá serem vistas e usadas; isto acontecia em primeiro lugar por serem as estações do anno diferentes e opostas” (JORNAL DAS SENHORAS, 1852). O jornal acredita está sendo inovador ao conseguir trazer os figurinos da moda francesa enquanto ele está em seu auge do sucesso. No entanto, podemos perceber que a moda que estava em alta entre os francesas, era completamente inviável de ser usada no Brasil no mesmo período.

A autora da coluna modas se vangloria por ter acesso inédito aos figurinos que vem de Paris diretamente para suas mãos, “os figurinos que chegam para o *Jornal das Senhoras* são publicados no Rio de Janeiro um mez depois da sua publicação em Paris, diferença unicamente do intervalo da viagem do paquete (Teviot-navio inglês).” (JORNAL DAS SENHORAS, 1852). No entanto, há um empecilho que, por vezes, deixa a autora inconformada, que se trata das divergências nas estações do ano entre a França e o Brasil. Segundo a autora, Paris tem as estações do ano muito bem definidas, diferente das estações do Brasil, que se divide apenas em duas, verão e inverno. Porém, com grande satisfação ela anuncia que as modelagens, mesmo sendo inspiradas nos modelitos parisienses, foram criados especialmente para as brasileiras, em suas palavras: “não se trata de um figurino antigo, nem é um figurino atual, pois lá está frio. É um figurino por eles criado para se adaptar ao clima brasileiro” (JORNAL DAS SENHORAS, 1852).

Essa adaptação da moda é vista pela autora como algo maravilhoso; ter inspirações francesas no vestuário feminino se torna uma distinção social e econômica, mesmo a moda não sendo idêntica; mesmo os tecidos recomendados sendo tecidos leves e transparentes, que fosse confortável para o verão no Rio de Janeiro; mesmo com todas as modificações que o clima exigia, a autora segue totalmente confiante que a moda parisiense se fazia presente na vida das brasileiras da Corte Imperial.

Enveredando para o caminho da consciência, constatamos, por diversas vezes, que a autora demonstra não só compreender de economia doméstica, como incentiva as leitoras/assinantes a produzir seu próprio vestuário; utilizando como inspiração os figurinos disponibilizados pelo periódico, as mulheres que possuía o conhecimento de modelagem, corte e costura, tinham a vantagem de reproduzir os modelos das saias e vestidos e assim confeccionar suas peças com um baixo custo financeiro.

Para as mulheres que por falta de experiência com o corte e costura, preferem não se aventurar por conta própria, a autora recomenda as casas de modistas. Não está claro se a recomendação das modistas faz parte de um anúncio indireto ou se a autora queria apenas informar; tendo em vista que o periódico em todo o ano de 1852 publicou em algumas edições apenas o anúncio sobre calcados-VIANNA e C. OUVIDOR 154-. Fato é que, com essas menções sobre os armazéns e modistas, percebemos um movimentado comércio central.

Na edição do dia 18 de janeiro de 1852, a autora relata sua experiência de exploração na rua dos comércios visualizando as novas indumentárias, artefatos e tecidos que havia chegado de novidades trazidas pelo comércio marítimo para o Rio de Janeiro. Ela informa que “hei de visitar, já agora que principiei, todos os armazéns de mais bom-tom da rua do Ouvidor e vos irei dando notícia –do bom e do melhor-que for encontrando” (JORNAL DAS SENHORAS, 1852). É válido destacar, que a rua do Ouvidor, neste momento é uma das ruas mais movimentada no que se refere ao comércio local na Corte, podendo encontrar nela diversas lojas de roupas, calçados, acessórios, tipografia como a que imprime o *Jornal das Senhoras*, entre outros comércios.

A redatora por diversas vezes incentiva as mulheres a saírem de casa e irem as modistas, já que pela fala da redatora, aparenta ser costume as brasileiras terceirizar essa tarefa aos homens da casa, como os pais, irmãos ou maridos. Essa situação se contrapõe com o modelo das damas parisienses, que ganhando autonomia no espaço doméstico, se aventuravam para o espaço público dos bulevares, frequentando as modistas e admirando vitrines de casa de moda. Tal observação é destacada por Harvey, quando ele posiciona a mulher no meio da ‘sociedade do espetáculo’. “Para elas, tornou-se uma necessidade social passear pelos bulevares, fitar as vitrines, comprar e exibir suas aquisições no espaço público, em vez de recolher-se em casa ou no boudoir” (HARVEY, 2015 p.291).

Outro aspecto da economia que o periódico aborda, é sobre a venda de tecidos. A autora relata que os tecidos vinham nos navios e de diversos lugares da Europa, da China, da Índia e da França. A redatora não deixa claro se existia uma loja somente de tecidos; mas esclarece que nas casas das modistas e nos armazéns, havia uma variedade considerável de tecidos para escolher; se refere também a presença de caixeiros envolvido no comércio do vestuário. O folhetim nos mostra uma variedade impressionante de possibilidades de tecidos como: seda, lã, fustão, metim, rendas, veludos, cambrainha, sarjas de Hespanha, setins de macau, chamalote, linho, tafetá, entre outros(JORNAL DAS SENHORAS, 1852).

Engana-se quem vê a moda somente como uma frivolidade feminina; no *Jornal das Senhoras*, percebe-se uma grande movimentação econômica vinda desse setor do vestuário. Entre os eventos de maiores destaques que movimenta o comércio, está presente o carnaval, as temporadas de bailes e soirées e o casamento.

Na edição do dia 22 de fevereiro de 1852, a autora narra as alegrias festivas do carnaval; a empolgação da autora com a festa é refletida nas linhas escritas. A movimentação nas lojas, pela visão da autora, aparenta ser aquecida; nos armazéns havia roupas de fantasias e máscaras que podiam ser compradas ou alugadas para as ocasiões, como por exemplo, uma loja citada pela autora “a casa da Sra Luigia Balestra, costureira veneziana na rua Carioca n 118, lindos dominós e costumes de qualquer época, alugados ou vendidos por preços rasoáveis” (JORNAL DAS SENHORAS, 1852).

No Rio de Janeiro, a autora relata que no mês de abril é “o mez da estreia dos bailes de primeira ordem, das soirées e das partidas, que tão vivazes, suptuosas e fulgurantes” (JORNAL DAS SENHORAS, 1852) Os bailes representam o momento em que praticamente todas as jovens em idade de se casar aguardam ansiosamente, para se fazer presente no meio da sociedade abastada; os vestidos e adornos descritos no periódico, revela o luxo e o requinte que as damas se apresentavam.

Souza (1987) enfatiza a ideia de as vestimentas serem um artifício para explorar a sexualidade feminina e, dessa forma, conquistar a atenção de um homem; o sucesso da sedução das roupas está no segredo entre: “a parte que a vestimenta acentua e não com a que desnuda.” (SOUZA, 1987, p. 93). Dessa forma, podemos entender o quanto as damas estavam dispostas a investirem em seus trajes de baile, para serem notadas entre tantas.

O casamento é o grande momento almejado e esperado pela mulher; o enxoval dos noivos é descrito de forma extasiada pela autora. Novamente a autora menciona a inspiração parisiense; ela ressalta que tradicionalmente na França, a celebração do matrimônio é realizada pela manhã, esse fator favorece o uso de dois vestidos pela noiva, um para a cerimônia e outro para o jantar. E ela destaca que “A pesar dos casamentos cá na nossa terra fazerem-se de tarde, (hora tão Impropria!) nem por isso deixão-se de fazer riquíssimos enxovaes em tudo conformes aos usos parisienses” (JORNAL DAS SENHORAS, 1852). Tudo relacionado ao casamento exigia fundos monetários; o dinheiro investido em todo o cerimonial do casamento era sim uma quantia considerável; prova disso é que há relatos de casais que viviam juntos na ‘clandestinidade’ por não possuírem dinheiro suficiente para custear os transmites exigidos para oficializar a união.

Ao que tudo indica, essa influência francesa no Brasil, teve início quando as relações entre Brasil e França se tornaram mais amigáveis. Em um estudo, titulado *Mme Durocher, modista e parteira*, Mott (1994) analisa a vida de Mme Durocher, usando como fonte, relatos de viajantes pelo Brasil, principalmente pela Corte do Rio de Janeiro, e biografias sobre a vida da modista; ela ressalta o comércio francês no centro comercial e movimentado do Rio de Janeiro, destacando que no ano de 1816 houve um *boom* de migrações de franceses no Brasil e o estreitamento das relações comerciais; deixando a Corte Imperial emergida em artefatos, vestuários e estilos franceses.

Curiosamente, a influência francesa da moda não segue um padrão rigoroso; na edição do dia 07 de março de 1852, a autora da coluna modas, nos revela algo interessante. Em pleno período de Quaresma - período que inicia na Quarta-feira de Cinzas e se encerra no Domingo de Ramos -; a moda feminina se modifica. Estamos cientes que cada ocasião requeria um tipo diferente de vestuário, os bailes, os passeios diurnos, as idas ao teatro e as roupas de ficar em casa. Então, o que se mostra aqui é fruto do contexto religioso que se mescla com o contexto social. Na Quaresma, a autora fala sobre um figurino que ela intitula 'traje de respeito', sendo formado por um vestido e véu preto.

Segundo a autora, o traje é "usado entre nós nestes dias de religiosa concentração. Este uso ou moda de longa data, que veio desde Hespanha até à nossa terra, e que com muita razão aqui se naturalizou." (JORNAL DAS SENHORAS, 1852). A autora defende então a não cópia da moda francesa nessa ocasião de grande solenidade católica; e explica o porquê: "Paris não segue esta moda, porque as suas instituições religiosas são outras, porque enfim não há a solenidade da Semana Santa com as mesmas formalidades que entre nós se observa" (JORNAL DAS SENHORAS, 1852). Então, somente neste momento, seguir os *modelitos* franceses não se torna adequado.

A MODERNIZAÇÃO DA PROVÍNCIA DE SÃO PAULO E AS PECULIARIDADES DA MODA

O Lirio diz ter o intuito de educar a mulher com base nos dogmas religiosos da Igreja Católica. Uma autora faz um desabafo sobre a carência da circulação desse tipo de material e diz ainda que esse periódico é necessário a esse papel direcionador e instrutor da moral feminina (*O LIRIO*, 1860).

O periódico *O Lirio*, por se declarar um jornal de variedades, tenta cumprir sua função, informando a comunidade feminina, diversos assuntos de cunho social; embora não seja declarações propriamente sobre a moda e o vestuário, a coluna que tem por título 'Noticiário', destaca informações importantes sobre o momento de modernização que a província de São Paulo estava vivenciando, como por exemplo, narrar para as leitoras os acontecimentos relevantes:

No dia 13 algumas pessoas alegremente traspunhão a estrada, que d'esta Cidade vai á Santos; (...) No dia 15 teve lugar a cerimonia da inauguração da *estrada de ferro*, que d'ahi d'essa Cidade tem de ir á Jundiahy, passando pela pitoresca Paulicéa. (...) (a estrada de ferro) tem de trazer á esta heroica provincia o seu engrandecimento. Bem vinda seja pois a estrada de ferro de S. Paulo! Então, leitoras, vós podereis ir á Santos sem o menor incommodo, e d'ahi ir ao aristocrático Rio de Janeiro, que para os provincianos é o sonho dourado. Tudo lucrá com a estrada de ferro! Até vós, leitoras, porque as modas virão mais depressa. (O LIRIO, 1860)

Esse momento de progresso iniciado pela província mostra ser um reflexo da modernização em andamento na Corte Imperial. As relações comerciais entre Rio de Janeiro e São Paulo, se mostrava importantíssima, vale destacar que nesse período o comercio era feito por vias marítimas e o porto de Santos estava por se tornar grandioso demais para o Brasil. Alencastro (1997) destaca no livro *História da vida privada do Brasil*, as atividades exercidas no porto fluminense e como "No plano inter-regional, o Rio de Janeiro constituía o ponto de encontro e de redistribuição da economia nacional. Metade do comércio exterior brasileiro passa pelo cais cariocas durante o século XIX" (ALENCASTRO, 1997 p.24)

No que se refere à moda, *O Lirio*, se inicia tímido, aconselha as damas a serem cuidadosas ao se vestirem, pois, "a moda deve ser adaptada à idade, estado das pessoas e ao clima do paiz; do contrário é cahir no ridículo" (O LIRIO, 1860).

Na edição do dia 28 de junho de 1860, temos uma coluna interessantíssima sobre um curioso artefato de moda, a saia balão, ou como é conhecida na França, a crinolina. "A moda, com sua extravagante mobilidade, algumas vezes traz novidades bem úteis. E uma destas o balão (saia). Ninguém contestará, sem duvida, as vantagens que andão ligadas ao balão. Considere-se-o com duas phases — economica e comoda" (O LIRIO, 1860).

A autora segue explicando as vantagens da saia balão, ela ressalta que antes da 'saia balão', as mulheres que queriam estar na moda da saia volumosa, tinham que usar seis camadas de saias ou mais; e calculando quanto custa cada saia, chega ao

total de 331 côvados somente para um figurino. “Um balão custa 10, ou 12\$ e dura muito mais do que todo esse panno”(O LIRIO, 1860).

Esta moda da crinolina ou saia balão surgiu nos salões franceses. Por se tratar de um artefato de moda peculiar e controverso no meio feminino, a aderência foi grande, assim como também houve grandes zombarias de alguns grupos masculino, estampados em jornais franceses. Sobre a fabricação da crinolina, seus moldes primários possivelmente eram construídos de forma artesanal. Garcia (2015) detalha que o processo de criação possivelmente iniciou entre os anos de 1848 e 1852. Consistia basicamente em uma anágua com aros de aço interligados, que possibilitava o abobadado nas saias.

Segundo Monçores (2012), “outras armações já haviam sido usadas, mas nenhuma com tamanha adesão popular e tecnologia, fazendo uso de materiais que não eram comuns ao vestuário, como o aço envergado” (MONÇORES 2012 P. 67). Essa visão sobre o quanto a crinolina inovou no setor da moda é compartilhada por outros autores também. Podemos assim dizer que, a crinolina representava um símbolo de modernidade na França, e sua aparição na província de São Paulo nos mostra que esse progresso estava de acordo com os relatos sobre modernidade ressaltado no periódico *O Lirio*.

A crinolina não representava somente o momento de modernização; o seu uso é analisado por alguns autores como um artefato diferenciador no vestuário feminino. Segundo Laver (1989), era tido como um artifício no papel da sedução feminina. Desse modo, podemos dizer que a crinolina realçava as curvas femininas em proporções inumanas; mas que criavam uma ilusão aceita. “Em um de seus aspectos simbolizava a fertilidade feminina, como um aumento do tamanho aparente dos quadris sempre parece sugerir” (LAVÉR, 1989 p. 184).

No periódico *O Lirio*, o uso da ‘crinolina/saia balão’, é defendido; o autor da coluna Modas ressalta que saiu em defesa do balão, por conta das duras críticas que esta moda estava recebendo da sociedade. O artefato era uma opção mais econômica e mais confortável para as mulheres, pois possuía uma leveza nos movimentos que as camadas extras de tecidos não permitiam; a praticidade da saia estava também no vestir, economizava-se tempo e era considerada mais higiênica que as camadas extras das anáguas comum; e o peso gerado pelas saias sobrepostas eram incômodos e causavam desconfortos nas mulheres. Mas para autores como Garcia

(2015), conforme as usuárias aceitam o uso da crinolina, suas proporções se expandem, e ressalta que, “a amplitude das saias tornou-se cada vez maior e o que inicialmente representou praticidade, transformou-se em um fato limitador da circulação e até mesmo das relações de sociabilidade” (GARCIA, 2015 P. 170).

Souza (1987), mais uma vez, se faz presente para debater as ideias da crinolina; em sua interpretação, ela diz que está relacionado com o momento de modernidade, e que “(...) são símbolos de classe que, alcançando o seu exagero máximo justamente no período em que o desenvolvimento das estradas de ferro incrementava as viagens, mostram como coerência e comodidade são elementos estranhos à moda, sobretudo à moda feminina” (SOUZA, 1987 p. 127). Percebemos que os exageros cometidos nas tendências relacionados à moda chegam a situações extremas, reconhecidas pelas suas usuárias; temos a sensação, que mesmo consciente de tamanhos exageros, elas optam por fazê-los a bel prazer.

Outra tendência da moda feminina que é analisado pelo periódico *O Lirio*, é o colete/espartilho, segundo o autor da coluna moda, o colete é uma moda que durou por várias décadas, e essa longevidade se dá por conta da tamanha aceitação do público feminino que dele fez uso. No entanto, a busca pela silhueta ‘perfeita’, aparentemente, sempre exigiu das mulheres sacrifícios; sacrifícios esses, que muitas mulheres se submetiam, provavelmente por pressões sociais, que muitas das vezes iniciava na idade terna da mocidade.

O autor faz uma descrição da peça, sua aparência e uso:

O collete de hoje é uma trança complicada de barbatanas, fios, cordéis, e um pedaço de panno, que as mulheres amarrão sobre os seios, comprimindo-os ao ponto de privar da respiração, e machucar de tal arte o corpo que chega a deixar contusões. Tudo isto para tornar fina a cintura, e aformosear o corpo. Este cilício ellas trazem todos os dias, algumas até dormem com ele! Custa a crêr (O LIRIO, 1860).

A moda do espartilho, aparenta ser uma questão debatida em alguns jornais e revista daquele momento; o autor destaca que ao escrever a coluna Modas, estava a par de um artigo encontrado na “Revista Popular de 1 de junho” de autoria do “Sr Luiz de Castro”, que em seu artigo, cita as ideias de um cidadão francês de nome Sr. A. Dabay.

Os trechos transcritos pelo autor no *O Lirio* reflete as consequências que o espartilho causa no corpo feminino, deformando-os; critica as mulheres que acreditam

estarem mais sedutoras com o uso do “colete aberração”; segundo ele, imperfeição era a única coisa que tal vestimenta poderia ocasionar.

No periódico do dia 30 de julho, o autor da coluna Modas continua a debater sobre o uso do acessório, mas, dessa vez, ele prefere falar sobre o seu posicionamento; em suas palavras, ele diz que prefere um meio termo sobre o uso da peça de moda, pois não acredita que: “a beleza só esteja na cintura *fina*, assim como não também na *grossa*. Seria para desejar que todas as Senhoras tivessem a cintura fina; porém a natureza *caprichosa* não consentio n’isso” (O LIRIO, 1860). Portanto, a mulher que buscava de forma desesperada, aperfeiçoar a silhueta natural do próprio corpo, estava de alguma forma, indo contra a harmonia proporcionada pelo biotipo corporal de cada indivíduo.

Talvez, como forma de conscientizar, o autor da coluna moda do O Lirio, conta uma história trágica que aconteceu no Rio de Janeiro, sobre duas amigas que resolveram testar para ver qual das duas possuía a cintura mais fina e delicada; uma comete a infelicidade de antes de dormir, amarrar uma correia de couro molhada na cintura; naturalmente, o couro quando seca tende a se encolher e esse encolhimento obstruiu a passagem de ar e do sangue na jovem; e por consequência dessa atitude imatura, a jovem foi encontrada morta (O Lirio, 1860)

Se tal história é verdadeira ou não, não conseguimos comprovar. No entanto, cabe uma reflexão sobre o quão longe alguns grupos de mulheres estavam dispostas a irem, para alcançar um contorno corporal com proporções totalmente ilusórias.

Por fim, *O Lirio* cumpre o seu papel, informa sobre a moda, principalmente suas extravagâncias, e narra o momento de prosperidade da província, mostrando-se esperançoso com a grandiosidade que São Paulo prometera atingir. Neste periódico, não notamos a presença massificadora de falas sobre a influência francesa; mas sendo uma província da Corte Imperial, e essa sim, ser influenciada pelos moldes francês, implicitamente a moda em São Paulo, era também uma cópia adaptada do estilo parisiense. Em um dos escritos sobre o assunto, a autora pondera sobre que mesmo tendo o parecer da “Revista Popular” sobre a moda, a variação no vestuário se faz presente e ressalta que alguns gostos nos figurinos são mais aceitos do que em outros.

A REVOLUÇÃO DOS PERIÓDICOS FEMININOS E A CONDIÇÃO DA MULHER

Progresso, modernização e globalização. Esses conceitos são amplamente usados por pesquisadores que analisam os periódicos escritos por mulheres no século XIX. Com os estudos realizados, foi possível compreender o período de modernização do Brasil e como isso se refletiu na vida das brasileiras que fazem parte de um determinado grupo social.

Para alguns estudiosos que escolhem os periódicos, jornais e revistas, como fonte de análise, em sua maioria, interpreta a presença da mulher no meio editorial como uma prova de reafirmação feminina que a globalização possibilitou.

Melo (2014), ao procurar compreender como era exercido a educação do corpo, nos bailes do Rio de Janeiro, irá salientar que se tratando de progresso, as transformações: “(..)são claramente observáveis no município neutro da Corte, que se tornou o espaço das principais experiências de modernização do país, foco irradiador de novas modas e costumes” (MELO, 2014 p. 753). Essa colocação, reafirma o quanto a Corte do Rio de Janeiro estava vivenciando um grande momento de transformações em diversos aspectos sociais.

Percebemos ideias como essa também no artigo *A moda e os Bailes no Jornal das Senhoras* (2015). Segundo as autoras, o ideal de progresso estava espelhado na imprensa. “A imprensa do século XIX materializou nas suas páginas a dinâmica social da época, com seus conflitos e reações frente a forças que a sociedade não compreendia ou que podiam abalar os alicerces do poder político-econômico dominante” (VASCONCELO e PERIOTTO, 2015 p. 77). Nesta linha de pensamento, as mulheres mesmo tendo uma imagem social que deveria interpretar, se aventuravam no mercado editorial, e recebiam fortes críticas.

A ideia de país civilizado se formava ao querer copiar o capitalismo que se iniciava na Europa. E como ter um país globalizado se todos os membros não estiverem inseridos nele? Como já vimos, as mulheres se tornaram as queridinhas da indústria da moda, e seja qual for o desejo que faziam das mulheres o alvo da moda, elas se reconheciam nesse mundo e o abraçavam; e essa aceitação, ao que tudo indica, era reconhecida:

As mulheres tinham sido identificadas como mercado e eram agora um alvo das empresas de vestuário e editoriais. O figurino de moda introduziu as mulheres no mundo da publicidade, com a sua paradigmática aliança entre imagem e informação comercial que vendia os seus produtos como o ideal de um sexo e de uma classe (HIGONNET, 1991 p. 320).

Esse apontamento de Higonnet, nos faz entender o porquê do surgimento de tantos periódicos escritos por mulheres e até jornais e revistas que visavam alcançar esse público, que mesmo a margens, era inserida ativamente na sociedade.

Ao analisar os vestuários nos periódicos femininos, as autoras Assunção e Italiano (2018), refletem sobre a participação das mulheres no meio econômico, “a disseminação de informações foi facilitada em um nível jamais alcançado no país: a intensa comunicação entre países permitiu que as culturas se interligassem formando redes, que possibilitariam o fenômeno da globalização” (ASSUNÇÃO E ITALIANO, 2018, p.234). Perrot (1992) também ressalta a mulher como sendo uma consumidora de bens, e por esse motivo, se torna o foco da indústria da moda, e a ‘rainha soberana’ das grandes revistas.

Embora os estudos apontem os periódicos escritos por mulheres ou a elas destinados, como um símbolo da modernidade, eles não sobreviviam por muito tempo. Os que falavam sobre moda, não havia mudanças verdadeiramente significativas nos vestuários; essa lentidão rotativa das tendências no figurino, produzia pouco conteúdo semanal ou mensal. Vejam que em comparação aos periódicos, percebe-se que no Rio de Janeiro os folhetins escritos por mulheres tiveram uma duração maior, circulando por mais tempo. Fazendo uma busca simples no acervo da Biblioteca Digital da Biblioteca Nacional, ressaltando que foi levado em conta os periódicos preservados, constatou-se esse fato.

Analisando o *Jornal das Senhoras* e *O Lirio*, nota-se uma indignação por parte das redatoras com relação às críticas direcionadas aos folhetins. Ao que tudo indica, não é o receber das críticas que as incomodavam e sim o teor delas. Nota-se algo já esperado para o período, o ‘machismo’ descabido; em um dos momentos no *Jornal das Senhoras*, a autora desabafa dizendo: “ora, senhores, não sejaes assim tão injustos com as vossas patrícias.”. No *O Lirio*, percebemos o mesmo tipo de sentimento, dito “Aquelles, de quem esperávamos animação e soccorro, forão os primeiros a abandonar-nos na arena”.

Entre os diversos estudos sobre o século XIX levantados para o arcabouço teórico, nos deparamos com uma mentalidade patriarcal e conservadora. Exemplos desse contexto é destaque por Laver (1989, p. 184) o quanto “a metade do século XIX foi o ponto mais alto da dominação masculina”; essa visão é ressaltada pela Perrot

(1993, p. 126) como “o século XIX conta com muitas figuras de pais triunfantes e dominadores”, e nessas formas de dominação patriarcal, a mulher é sempre colocada em uma posição de submissão ao homem, sendo designada somente ao ambiente doméstico. “O século XIX exalta o lar como único lugar de felicidade. Aí a mãe vela pelos seus filhos, faz a felicidade do marido e é a guardiã moral do grupo familiar” (GIORGIO, 1991, p. 192).

Essa visão domesticada e dócil da mulher se propaga de forma densa no século XIX e, de alguma forma, mulheres que se aventuravam a romper com esses laços, possivelmente eram más vista pela sociedade e, sem dúvidas, eram as exceções. Portanto, constatou-se que mulheres que se aventuravam pelo mercado editorial, eram criticadas de forma impiedosa, não eram apoiadas por bases sólidas e, na sua maioria, encerravam as atividades cedo demais.

Perrot (1992) critica a Escola dos *Analles* de excluir a mulher do protagonismo da História, mesmo tendo revolucionado o método científico; a História das mulheres ficou às margens dos acontecimentos históricos. “O ‘ofício do historiador’ é um ofício de homens que escrevem história no masculino. Os campos que abordam são os da ação e do poder masculinos, mesmo quando anexam novos territórios. (...) as mulheres alimentam as crônicas da ‘pequena’ história, meras coadjuvantes da História!” (PERROT, 1992, p. 185).

Essa falta do protagonismo feminino demonstra que, apesar dos esforços para ser um indivíduo em destaque, as mulheres do século XIX ficavam à mercê do domínio e da necessidade do homem e a sombra do patriarcado.

INTERPRETAÇÃO COMPARATIVA DOS PERIÓDICOS

Como falar sobre moda e não destacar a importância da modista. Imagina uma realidade em que não existia lojas de departamentos com estoques colossais de roupas, calçados e acessórios; pois bem, este é o cenário do século XIX. Os armazéns e casas de modas, eram os responsáveis por possibilitar a encomenda e confecção das indumentárias.

A modista como principal fornecedora dos figurinos, estava sempre cercada por membros da alta sociedade. Nos dois periódicos analisados, o papel da modista é sim evidenciado. *O Jornal das Senhoras* elogia sempre as modistas, reafirma o quanto é precioso poder contar com o auxílio dessa profissional para confeccionar os trajes. Enquanto isso, no *O Lirio*, a visão sobre essa figura se mostra controversa; o periódico

dedica uma coluna inteira para descrever a dualidade do sentimento que a modista desperta na sociedade:

E' opinião do próprio bello sexo, que o inimigo mais temivel da casada, da noiva, e até da mulher do mundo, é a modista. E, apesar d'isto, quantas não tem tido aventura do se apresentarem ante a ara nupcial, sem mais encantos que os que lhe preparou a agulha da modista! (O LIRIO, 1860).

Vale ressaltar que os periódicos foram escritos em anos e lugares diferentes. No entanto, é no mínimo curioso perceber que um determinado grupo na província de São Paulo insinua que a moral e a conduta das modistas fossem duvidosas; tal preconceito não impediam as mulheres de manterem as modistas por perto, afinal de contas, sem essas profissionais para confeccionar os vestuários elas não ficariam elegantes e bem vestidas.

Ambos os periódicos se posicionam sobre o uso do colete/espartilho. No *Jornal das Senhoras*, o uso é fortemente defendido e aconselhado, desde que se use com cautela, a autora informa que “o arrocho do seu espartilho, o qual, se não for ajustado ao corpo guardando-lhes as fórmulas naturaes, certo que as deixará ficar comprimidas em todos os movimentos. Um mal feito espartilho também contribuirá muito para esse estado mortal” (JORNAL DAS SENHORAS, 1852). *O Lirio*, reflete sobre as complicações do uso desta peça e não aconselha as mulheres a aderirem essa moda e ressalta as complicações resultante da utilização imoderada.

Outro ponto em comum que podemos analisar entre ambos os periódicos, é o olhar sobre o tipo corporal da mulher. A reflexão sobre os biotipos do corpo, gira em torno das autoras aconselhar suas leitoras mulheres a saberem reconhecer os formatos de corpos que tem e se vestirem adequadamente. Além de mencionarem estereótipos corporais como na seguinte frase: “Uma é bela, alva e romântica, a outra é morena, viva e ardente” (JORNAL DAS SENHORAS, 1852). Ambos os periódicos debatem sobre a moda se enquadrar no clima, “a moda deve também acompanhar as estações” (O LIRIO, 1860) não seguindo essa regra sobre se vestir conforme o clima, a dama se sujeitaria ao deboche.

Além dos pontos semelhantes que ambos os periódicos destacam, há a falta daquilo que não foi dito. A roupa de baixo, as peças íntimas. Para não ser injusta com o *Jornal das Senhoras*, há um momento em que a autora menciona roupas íntimas. Quando está fazendo a descrição das peças de um enxoval e cita que um dos vestidos sensuais, era para “fazer visitas de intimidade”. Com exceção desta parte, em

nenhuma outra ocasião as peças de baixo que acompanham todo figurino é mencionado; a recusa de mencionar tais peças, pode ser fruto de uma sociedade conservadora e religiosa, ao ponto de considerar o assunto indecoroso, escandaloso, inapropriado.

É válido destacar que nem todos os exageros são aceitos pela autora da coluna moda, o ponto alto da sua discórdia é sobre os trajes infantis. Ela critica as crianças serem vestidas com roupas de adulto com tão pouca idade. Essa é uma ideia que a incomoda, insatisfeita ela diz que: “na menina passa a se vestir e comportar como mulher aos oito anos” (JORNAL DAS SENHORAS, 1852). Em uma sociedade em que a mulher já nasce com o destino traçado e direcionado para o matrimônio, a infância é ignorada, o ponto principal é aprender se portar como mulher.

Mesmo não sendo o foco de nenhum dos jornais, e não sendo o foco da pesquisa, não há como ignorar que neste período no Brasil a escravidão era uma realidade. No periódico circulado no Rio de Janeiro em 1852, a presença de escravas é citada nos folhetins, apenas dizendo sobre a sua posição servil para ajudar as senhoras a se vestirem. As escravizadas são chamadas de servas ou criadas, talvez por influência francesa da palavra. No periódico circulado em São Paulo no ano de 1860, foi encontrada uma reflexão sobre a escravidão. A autora cita o quão vergonhoso e desumano esse regime era, dizendo:

O dia em que nosso paiz não houver mais escravos o futuro de nossas famílias será mais risonho, mais feliz, mais racional, porque a educação de nossos filhos será melhor. Feliz o dia em que os nossos descendentes possam dizer: -Somos filhos de um paiz, aonde impera a liberdade! (O LIRIO, 1852).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sempre que uma mulher se destaca em algo, nós que pertencemos ao gênero, nos sentimos representadas, ou pelo menos deveríamos. Séculos de dominação masculina e submissão feminina, fez com as mulheres sempre se sentissem às margens dos grandes acontecimentos históricos que marcaram a humanidade. Ao iniciar a pesquisa para esse artigo, o foco histórico naturalmente foi sobre o universo feminino.

Os objetivos iniciais baseados em buscar respostas sobre a influência francesa no vestuário da brasileira, rendeu frutos que germinaram e floresceram satisfatoriamente. Analisar o cotidiano feminino, a relação da mulher com a moda, nos

fez perceber como a mulher estava envolvida fortemente com o meio social, econômico, cultural e religioso, ao ponto de haver comparações de peças do vestuário como um símbolo da modernidade e globalização. Esse modo de assimilar o vestuário com o progresso, nos faz pensar em mulheres que estavam inseridas de forma consciente na sociedade e entendia os momentos de transformações sociais.

Dos objetivos que foram alcançados, um de grande destaque foi entender sobre o olhar das brasileiras, como a importação impactava o vestuário no que compete ao clima. Entendemos que o vestuário vindo de Paris era apenas um modelo a ser copiado, pois era inconcebível, em um país tropical, trajar as peças que circulavam em Paris. Portanto o figurino era totalmente adaptado para ser levemente confortável ao clima brasileiro. Da França, recebiam somente os moldes/ilustrações e os tecidos; toda a confecção das peças acontecia aqui em solo brasileiro.

A moda é extravagante por diversas vezes, mas também se revela possuidora de signos que para aquelas mulheres era de fundamental importância, como por exemplo, ser de conhecimento comum na Corte Imperial que as damas solteiras não usassem colares nos pescoços; tal adorno era permitido somente às senhoras casadas; as senhoritas deixavam o pescoço e colo desnudo de joias para simbolizar a sua disponibilidade para receber tais *mimos*. Mais que isso, mostra ser um mercado altamente lucrativo, posicionando as mulheres no centro dessa movimentação. E respondendo a inquietação inicial, a França de Napoleão II, se torna a pioneira no mundo da moda, na Corte, primeiramente pela leva migratória francesa, que desembarca no Rio de Janeiro, segundo graças aos incentivos do Segundo Império Frances, que injetou recursos no setor industrial da moda e isso deu início a criação e a distribuição dos figurinos franceses, fazendo com que a França se tornasse referência nesse universo da moda.

REFERÊNCIAS

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Vida Privada e ordem privada no Império. *In*: ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Org. História da vida privada no Brasil: Império. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. Vol 2.

ASSUNÇÃO, Beatriz Alvarez de. ITALIANO, Isabel Cristina. Moda e vestuário nos periódicos femininos brasileiros do século XIX. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, núm.71. 2018.

BOUCHER, François. História do vestuário no Ocidente: das origens aos nossos dias. Tradução de André Telles. Edição de Yvonne Deslandres. São Paulo, SP: CosacNaify, 2010.

GARCIA, Paulo Júnior Debom. Sob o império da aparência: moda e imagem na França de Luís Napoleão Bonaparte (1848-1870). Tese de Doutorado, Rio de Janeiro, 2015.

GIORGIO, Michela de. O modelo católico. *In*: DUBY, Georges, L, Michelle. Orgs. História das Mulheres no Ocidente. Porto: Afrontamento, 1991. Vol 4.

HARVEY, David. Paris: capital da modernidade. Tradução de Magda Lopes. Revisão de Artur Renzo. São Paulo, SP: Boitempo, 2015.

HIGONNET, Anne. Mulheres e imagens. Representações. *In*: DUBY, Georges, PERROT, Michelle. Orgs. História das Mulheres no Ocidente. Porto: Afrontamento, 1991. Vol 4.

LAVIER, James. A roupa e a moda: uma história concisa. São Paulo, companhia das letras, 1989.

MELO, Victor Andrade. Educação do corpo- bailes no Rio de Janeiro do século XIX: o olhar de paranhas. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 751-766, jul./set. 2014.

MONÇORES, Aline Moreira. Tendências –o novo constante : Um estudo sobre a origem das tendências no campo da moda. Tese de Doutorado, Rio de Janeiro, setembro de 2012.

MOTT, Maria Lúcia de Barros. Mme Durocher, modista e parteira. *In*: Revista Estudos feministas, v.2, n.3, p. 101. 1994.

PERROT, Michelle. Figuras e papéis. *In*: PERROT, Michelle. Org. História da Vida Privada: Da Revolução à Primeira Guerra. 3ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

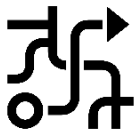
PERROT, Michelle. Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros. Coautoria de Maria Stella Martins Bresciani. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1992.

SOUZA, Gilda de Melo e. O espírito das roupas: a moda do século XIX. 1ª ed. São Paulo: companhia das letras, 1987.

VASCONCELO, Mônica. PERIOTTO, Marcilia Rosa. A moda e os bailes no Jornal das Senhoras. *Revista HISTEDBR On-line*, nº 64, p. 76-85, set 2015.

FONTES

O LIRIO, São Paulo, 1860. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/lirio/818275>. Acessado em 01 de novembro de 2022.



JORNAL DAS SENHORAS, Rio de Janeiro, 1952. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/jornal-senhoras/700096> . Acessado em 01 de novembro de 2022.

Recebido em: 03/01/2023

Aprovado em: 28/10/2024